

Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade

Conscience of finitude, suffering and spirituality

Conciencia de la finitud, sufrimiento y espiritualidad

*Alexandre Andrade Martins**

RESUMO: O ser humano diante da morte sofre a dor indescritível do fim da existência. Perto do fim, sentimentos de angústia, medo, solidão e tristeza surgem com muita força e podem levar a pessoa humana ao desespero. Sendo assim, este trabalho enfatiza o ser humano diante da sua morte. Em um diálogo com a filosofia, fazemos uma reflexão sobre a morte e seu processo: o morrer. Queremos mostrar a importância de se pensar sobre o fim da existência na primeira pessoa do singular, isto é, cada um pensar a sua própria morte e, para isso, apresentaremos fundamentos filosóficos e teológicos importantes para o debate bioético sobre o fim da vida, sobretudo em relação a pacientes terminais. Neste trabalho, defenderemos a importância da reflexão filosófica e antropológica na discussão sobre a morte e o morrer e também a reflexão teológica – espiritual. Nossa convicção é que a fé tem uma importante função para o ser humano diante do desafio de enfrentar a sua própria morte.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Filosofia. Fé.

ABSTRACT: Human beings before death suffer the indescribable pain from the end of existence. Close to the end, intense feelings of anguish, fear, solitude and sadness appear and they can take the person to desperation. Due to this, this work aims to emphasize the condition of human beings before death. In a dialogue with philosophy, we make a reflection on death and its process: dying. We want to show the importance of thinking on the end of existence in the first person of the singular, that is, each person thinks about her own death and, for this, we will present important philosophical and theological bases for the bioethical debate on the end of life, over all in relation to terminal patients. In this work, we will also defend the importance of the philosophical and anthropological reflection in the debate on death and dying and the theological (spiritual) reflection. Our certainty is that faith has an important function for the human that faces the challenge of her own death.

KEYWORDS: Death. Philosophy. Faith.

RESUMEN: Los seres humanos ante la muerte sufren el dolor indescritible del final de la existencia. Cerca del fin, las sensaciones intensas de angustia, miedo, soledad y tristeza aparecen y pueden llevar a la persona a la desesperación. Debido a esto, este trabajo pretende acentuar la situación de los seres humanos antes de muerte. En un diálogo con la filosofía, hacemos una reflexión acerca de la muerte y su proceso: el morir. Deseamos demostrar la importancia del pensamiento en el final de la existencia en la primera persona del singular, es decir, cada persona piensa su propia muerte y, para esto, presentaremos importantes bases filosóficas y teológicas para la discusión bioética acerca del final de la vida, sobre todo en lo referente a pacientes terminales. En este trabajo, también defenderemos la importancia de la reflexión filosófica y antropológica en la discusión sobre la muerte y el morir y la reflexión teológica (espiritual). Nuestra certeza es que la fe tiene una función importante para el ser humano que hace frente al desafío de su propia muerte.

PALABRAS LLAVE: Muerte. Filosofía. Fe.

Introdução

Falar sobre a morte é algo difícil em nossa cultura, porém necessário, pois ela está presente em todos os momentos da vida, seja ouvindo ou vendo a morte do outro (uma pessoa próxima a mim, parente por exemplo, ou um estranho que vejo no noticiário), seja olhando para mim mesmo, pois a cada dia que

passa é um dia mais próximo da morte (porém vivemos na angústia de não sabermos quando será esse grande dia). Existem pessoas que lidam bem próximo da morte do outro, falo dos profissionais de saúde, sobretudo médicos, enfermeiros e agentes de pastoral da saúde (incluímos também os padres capelães hospitalares). Para essas pessoas, o conviver com o sofrimento, com a

dor e o fim da vida faz parte da opção de vida.

Tentando ajudar na reflexão sobre a morte e seu processo (o morrer), sem a pretensão de abordar todas as problemáticas que envolvem o tema, apresentamos um texto, fruto de pesquisa bibliográfica, da experiência de agente de pastoral da saúde e dos debates sobre o tema em questão, sobretudo no

* Religioso Camiliano. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção. Estudante do curso de especialização em Bioética e Pastoral da Saúde no Centro Universitário São Camilo. Graduando de Teologia na UNISAL.
E-mail: alefilosofia@yahoo.com.br

curso de Especialização em Bioética e Pastoral da Saúde do Centro Universitário São Camilo.

O texto segue um roteiro simples e de fácil compreensão. Traçamos uma reflexão de cunho filosófico sobre a morte e o morrer; destacando o como é importante pensar sobre a morte e o sofrimento causado por sua iminência; e, baseado nessa intenção, pensar a nossa própria morte.

Nosso trabalho não visa abordar questões técnicas do mundo da saúde; estamos preocupados com o aspecto antropológico, filosófico, espiritual e solidário do ser humano diante da morte.

Sobre a morte e o morrer

O Homem¹ é um “ser lançado no mundo”. Essa afirmação é do filósofo alemão Martin Heidegger. Iniciamos com uma frase forte deste filósofo porque partilhamos da mesma concepção e também porque o seu pensamento acompanhará (algumas vezes como plano de fundo e outras vezes diretamente) nosso percurso reflexivo sobre a morte e o morrer.

O Homem é um ser lançado num mundo hostil, isto é, o mundo é um lugar que não acolhe o ser com compaixão e misericórdia. O mundo recebe o Homem e não se preocupa com ele, é somente mais um ente lançado na existência em um lugar nada amistoso, porém não é possível existir fora do mundo, portanto ser é *estar-no-mundo*. Tudo realizado pelo Homem acontece no mundo, não há como fugir. A existência do ser humano é transcendência no *estar-no-mundo*. Existir é essencialmente transcendência. Desse modo, o Homem ao dar significado para o seu hábitat, projeta-se nele e utiliza as coisas para transcender.

O Homem tem, na sua constituição ontológica, a abertura para as coisas e faz parte da sua substância estar aberto às coisas e aos outros humanos. Tem a “necessidade do mundo e das coisas que o constituem e que são a realidade útil, os instrumentos da sua vida e da sua ação. Estar no mundo significa para ele (Homem) *cuidar* das coisas: mudá-las, manipulá-las, repará-las, construí-las e esta preocupação, por ser característica do homem enquanto está no mundo, determina também o ser das coisas do mundo” (Heidegger apud Abbagnano, 1970, p. 197-198). É próprio do ser do homem utilizar das coisas e é próprio das coisas serem utilizadas pelo Homem, pois só assim ambos ganham algum sentido.

A existência do Homem vai-se constituindo do uso das coisas feitas no tempo, no seu tempo: entre o início e o fim da vida. O Homem é, portanto, um ser de possibilidades, ou seja, tem possibilidades de usar as coisas de um jeito ou de outro; de utilizar uma ou outra; enfim, possibilidade de escolher. Nesse bojo, a vida humana vai-se constituindo e se desenvolvendo. Contudo, só ficar nesse estado de uso das coisas não proporciona uma existência autêntica, não revela o significado autêntico da presença humana no mundo. Sua consciência anseia por uma existência autêntica, aberta às estruturas ontológicas para transcender o mundo. Para isso ocorrer, o Homem deverá ouvir *a voz da consciência* incitando-o à verdadeira existência. Para isso ocorrer, é preciso voltar à sua ontologia, suas manifestações ônticas e perceber: o Homem é um ser de possibilidades realizadas dentro da temporalidade existencial, marcada pelo intervalo entre finito e infinito, pela solidão e sociedade, pelo envelhecimento e pela mortalidade.

O ser acaba, morre. A possibilidade por excelência é a morte. Ela diz respeito ao próprio ser do Homem, finaliza sua existência. A voz da consciência chama-o a si mesmo, ao que é e não pode deixar de ser: um *ser-para-a-morte*. Para o Homem encontrar seu verdadeiro ser autêntico é necessário reconhecer a possibilidade da morte e assumi-la. Conceber a morte como parte fundamental do seu ser, compreender a possibilidade inegável da impossibilidade da existência enquanto tal. Porém, tomar consciência da possibilidade da morte não deixa o Homem inerte, imóvel e sem a menor perspectiva de realização. É justamente o contrário. Abre-o à sua temporalidade e mostra a importância de uma existência autêntica e realizada.

A compreensão de *ser-para-a-morte* vem acompanhada da angústia. “A angústia é a situação emotiva capaz de manter aberta a contínua e radical ameaça que sai do ser mais íntimo e isolado do homem” (Heidegger apud Abbagnano, 1970, p. 207). Ela faz o Homem sentir-se “em presença do nada, da impossibilidade possível da sua existência” (Ibid.) Coloca o Homem diante do nada, do fim, da morte. A angústia revela também o sentido autêntico da presença do Homem no mundo. Ela antecipa o nada, levando a pessoa a compreender sua existência e a transcender no tempo.

Chegamos a um ponto importante da nossa reflexão, que, depois de toda nossa viagem filosófica (importante e fundamental), encaminharemos a reflexão para mais próximo do nosso contexto e objetivos do trabalho. A angústia, como falamos, revela o real sentido da existência humana, pois coloca o Homem diante do nada. Com essa idéia, transportaremos esse argumento para a dor e para o so-

1. Sempre usaremos o termo Homem, com a inicial maiúscula, referindo-se à humanidade e não ao gênero masculino.

frimento como situações humanas de extrema angústia, porque coloca o ser diante da morte.

A dor é uma experiência única e particular. Ela gera sofrimento e, de certo modo, antecipa a morte, ou melhor, leva a pensar a morte (para nossa realidade é uma coisa impensada e escondida, apesar de pessoas morrerem todos os dias). Convivemos diariamente com a morte, porém com o falecimento do outro. Sempre estamos falando dela, mas em terceira pessoa, muito distante de nós. Quando algum ente querido morre, tal fenômeno mexe com a estrutura da pessoa que sofre a perda, sentimentos angustiantes brotam, chegando até a manifestações fenomênicas, como o choro. No entanto, não se pensa na morte em primeira pessoa, e quando falamos sobre o assunto, é do outro, do morto. O sentimento de dor depois passa, pois a “vida continua”, assim o dizem, ficando somente a lembrança daquele que se foi.

A morte pensada é sempre, em primeiro lugar, a morte do outro; a projeção para si vem apenas num segundo tempo. Ao passo que a dor experimenta-se em primeiro lugar, com provocação pessoal; só em seguida é que projetamos sobre os outros o que a experiência que fizemos nos ensinou (Lepargneur, 1986, p. 25).

A morte do outro, se é próxima, causa um certo sofrimento, mas não a ponto de projetar a minha morte. No entanto, a dor que sinto pode despertar para minha finitude.

Na reflexão feita anteriormente, percebemos que a angústia é colocada no fim da compreensão do *ser-para-a-morte*, quando o Homem desperta essa consciência de finitude. Aqui vamos colocar a angústia no início também. Ela como responsável (não sozinha) pelo despertar à morte; angústia atrelada (podemos dizer também que provoca) à dor e ao sofrimento. A

dor (agora sempre que falarmos de dor, entenda-a unida com a angústia) em si não tem sentido. Muitos tentam encontrar sentido objetivo nela. Não é fácil, mas é possível. Talvez o despertar para a consciência da morte seja o sentido objetivo, portanto a dor em si tem um sentido objetivo. A dor também tem, sobretudo, um sentido subjetivo, pois é vivida dentro da realidade do indivíduo, e essa subjetividade está junto com o despertar, logo, a dor desperta a consciência da morte subjetivamente.

O Homem vive acompanhado pela dor. Há uma existência sem dor? Há momentos na vida somente de puro gozo? Talvez existam momentos sem dor, com puro gozo, mas são interrompidos pela dor e faz a existência ontologicamente se sentir ameaçada.

“A dor nos vem então acompanhar e antecipar a morte, especificando-se à própria do homem e da mulher: *no suor do rosto comerás o teu pão, que tornes à terra, pois dela fostes formado* (Gn 3.19); *em fadigas obterás da terra o sustento durante os dias de tua vida* (Gn 3,17)” (Lepargneur, 1986, p. 27). O Homem, na sua existência, é acompanhado pela dor e a própria tradição bíblica afirma isso. Heidegger defende a existência autêntica como aquela que compreende a possibilidade das impossibilidades, e nós acrescentamos na dor com o despertar para essa compreensão.

A vida é testemunhada pela dor e pela morte como processo. “Toda dor é lembrança, antecipação, participação, por pouco que seja, por discreta e longínqua que seja, do processo de morte” (Lepargneur, 1986, p. 31). Essa participação e antecipação do fim pela dor torna-se mais presente e forte no hospital, quando se está acometido por uma doença grave, principalmente se for incurável. No leito hospitalar, a morte torna-se real, próxima e

causa medo, pois encontra a maioria das pessoas despreparadas; passaram (quase) toda a vida em uma existência inautêntica, não deixaram espaço para refletirem sobre o fim em primeira pessoa. No leito do hospital, começam a perceber a falta que isso faz. Muitos (para não dizer a grande maioria) concluem de que teriam optado por caminhos e realizações diferentes.

Refletir sobre a morte, compreender que o Homem é um ser lançado no mundo e um *ser-para-a-morte*, causa angústia, mas leva a saber utilizar melhor as coisas (e a convivência com o semelhante também). A dor, fiel acompanhante do Homem, o desperta à existência autêntica, é a abertura para chegar à consciência da possibilidade das impossibilidades e, assim, viver bem.

Vivemos numa sociedade que tenta esconder e fugir da morte. “Vida e morte estão intimamente entrelaçadas, conscientemente unidas uma com a outra, não apenas nas culturas primitivas, mas em todas as civilizações, menos a civilização industrial em que estamos imersos” (Lepargneur, 1986, p. 37). Essa afirmação de Lepargneur, dita na década de 1980, expressa a situação do início do século XXI. Hoje tentamos tardar cada vez mais a morte, e ela não é vista como algo natural, dentro de toda a existência humana, constituída do intervalo entre o finito e o infinito. Muitas técnicas são desenvolvidas para não deixar o doente morrer e quando alguém está perto do fim a sua autonomia é comprometida; a família não aceita a proximidade do fim e tenta evitá-lo, mesmo à custa de maior sofrimento do moribundo. Elizabeth Kübler-Ross defende que a vontade do paciente deve ser respeitada. Se ele quer morrer naturalmente, que se faça sua vontade. O paciente terminal tem uma linguagem difícil de ser compreendida, pois muitas vezes não é

verbal e isso exige grande atenção, dificultando como saber a vontade do moribundo. O querer uma morte natural, ou não, faz parte da dimensão ontológica do ser. É a compreensão tardia de que é um *ser-para-a-morte*. Não podemos descrever o sentimento, o tamanho do sofrimento do agonizante, mas temos uma certeza: é uma passagem difícil, principalmente para aqueles que nunca deixaram espaço para alcançar a consciência da finitude.

No nosso contexto social, a morte é algo incompreensível e inaceitável, pois vivemos em meio a uma super valorização dos bens temporais, do material e, morrendo, não se pode mais usufruir das coisas proporcionadas pela sociedade tecnológica e consumista. Se o sentido das coisas é o de serem usadas pelo Homem (e é próprio da nossa espécie usar as coisas), com a morte, tudo perde o sentido. O morto não fará mais essa utilização. Nessa perspectiva, as coisas e o Homem — morto — não existem mais. Sendo assim, não haveria porquê ter essa preocupação materialista de, com a morte, não usufruir mais das coisas. Morrendo, nada existe mais. O uso das coisas são feitas no intervalo da existência. O Homem atual não quer aceitar essa realidade. Existir é *estar-no-mundo* e o mundo só existe enquanto existimos. Morreu, acabou tudo. É a possibilidade que faz tudo se tornar impossibilidade.

Dentro de tudo isso que falamos, podemos acrescentar mais um elemento: a espiritualidade. Essa dimensão traz uma grande esperança ao Homem que está diante do seu fim. Nesse sentido, ela pode contribuir para um final de vida mais tranquilo (por mais que, em alguns casos, provoque revolta, pois o indivíduo pode-se encontrar em uma situação tão deprimente que

atribui a culpa a um Ser superior). A espiritualidade é um fator muito presente nos pacientes próximos da morte. A grande maioria dos agonizantes, não tendo mais em que se agarrar e a quem recorrer, deposita sua esperança na fé. Em se tratando de fé cristã, a confiança está na ressurreição dos mortos e no *céu*, “lugar onde habita as almas dos bons”.

O Homem de fé passa por todo o processo descrito com o ingrediente da sua crença. A fé dá esperança e conforta a alma. Ela oferece um sentido para a dor e para o sofrimento, levando a uma preparação para a morte e, em muitos casos, a desejar a morte, porque ela proporcionará o encontro definitivo com o Ser Criador. Morte, então, nessa perspectiva, não é perda, mas um ganho, pois o ser ultrapassa o limite humano dessa existência finita para ter um encontro com o infinito. Essa atitude, que é a de um indivíduo de fé, não ocorre com qualquer teísta. Somente com aqueles que fazem um *salto na fé* e depositam toda sua confiança no Ser Transcendente, mesmo com a razão dizendo ser um absurdo fazer esse salto.

O homem que fez o *salto na fé*, “nada contra a maré” do mundo materialista. Vimos morte como a perda da possibilidade de usufruir as coisas do mundo e por isso ninguém aceita o fim, logo, nessa concepção, a morte é uma grande perda e não pode ser pensada. Porém, para o indivíduo de fé, morte é ganho, o maior ganho que alguém poderá ter, pois encontrará com a razão última do seu viver: a volta para o Criador.

O aspecto da espiritualidade apresentado parece-nos contradizer tudo que falamos. Todavia não são aspectos opostos. O Homem de fé vai além da “compreensão da

impossibilidade das possibilidades”. Ele encontra um sentido para a sua dor e sofrimento. Acredita no encontro definitivo com o Criador, o Ser Superior, e ver a morte como um fato inevitável e bom para o ser finito unir-se definitivamente com o infinito.

A existência é única, marcada pela temporalidade e pela contingência. Fazer dela algo bom e realizador é passar pela *angústia da compreensão da finitude* e fazer o *salto na fé* para, assim, trazer a morte da terceira pessoa para a primeira do singular; confiar na esperança oferecida pela fé e não ter medo do fim, pois ele é a oportunidade do encontro com o infinito e esse é o objetivo supremo da constante busca do ser humano.

Conclusão

Sufrimento e morte fazem parte da existência humana. Todos passam por algum tipo de sofrimento (uns mais, outros menos) e morrem. Com esse nosso texto, pretendíamos mostrar que o ser humano é um *ser-para-a-morte* e ter essa consciência de finitude, quanto mais cedo adquirida (refletindo a morte em primeira pessoa), pode ajudar na compreensão da existência humana, percebendo-a como existência de possibilidade e a importância de fazer escolhas para uma vida mais realizada. Em outras palavras, propusemos uma reflexão sobre a morte em primeira pessoa para que todos possam escolher com mais lucidez diante de inúmeras possibilidades e, assim, buscar uma existência realizada.

Tudo isso não acontece sem a angústia, sem a dor, sem o sofrimento; sentimentos importantes, pois despertam a consciência de finitude.

2. *Salto na fé*: retiramos esse conceito da obra do filósofo dinamarquês Sören A. Kierkegaard. Usamos o termo como ele concebia: uma experiência religiosa de total entrega e confiança em Deus. Cf. Kierkegaard S A. *Temor e tremor*. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural; 1988.

Mostramos, também, que, no momento da morte, a dor é maior. Contudo, para os moribundos que fizeram um *salto na fé*, esse momento tende a se tornar menos trágico, porque a fé oferece uma certeza impossível de ser oferecida pela ciência.

Não podemos provar a certeza da fé em uma vida após a morte

(no caso do cristianismo, a certeza da ressurreição), mas constatamos na pesquisa de campo, acompanhando pacientes terminais. Constatamos claramente o conforto proporcionado pela certeza da fé. Notamos uma morte mais serena, confiante no encontro com o transcendente e na ida para uma realidade melhor. Esse conforto

não pode ser dado por ser humano algum de forma tão completa, que chegue a alcançar também a família sofredora com a perda do ente querido. A espiritualidade deve ser considerada ao lidar com pacientes terminais, pois somente a fé responde o que é absurdo à ciência. A certeza da fé vai além dos limites da racionalidade.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano N. História da filosofia. Lisboa: Presença; 1970. v. XIV.
- Blank RJ. Viver sem o temor da morte. São Paulo: Paulinas; 1984.
- Blank RJ. Morte em questão. São Paulo: Loyola; 1998. (Coleção de Parapsicologia)
- Boff L. Ética da vida. Brasília: Letraviva; 1999.
- Boff L. Ética e moral: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes; 2003.
- Giles TR. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo: EPU; EDUSP; 1975.
- Gutiérrez G. Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes; 1987.
- Gutiérrez G. O Deus da vida. São Paulo: Loyola; 1990.
- Heidegger M. Ser e tempo. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes; 2002. v. 1.
- Heidegger M. Ser e tempo. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes; 1997. v. 2.
- Kierkegaard S. O desespero humano. São Paulo: Martin Claret; 2006.
- Kierkegaard S. Diário de um sedutor: temor e tremor. 3ª. ed. São Paulo: Nova Cultural; 1988.
- Kierkegaard S. O conceito de angústia. Lisboa: Presença; 1972.
- Lepargneur H. Lugar atual da morte: antropologia, medicina e religião. São Paulo: Paulinas; 1986.
- Rahner K. O desafio de ser cristão. Petrópolis: Vozes; 1978.
- Vendrame C. A cura dos doentes na bíblia. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Loyola; 2001.
-

Recebido em 9 de janeiro de 2007
Versão atualizada em 6 de fevereiro de 2007
Aprovado em 27 de fevereiro de 2007